

# A LITERATURA COMO INSTRUMENTO PARA UMA GEOGRAFIA DO CAMPO

Deniza Inês Giongo Colferai<sup>1</sup>  
Orientadora: Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho é resultado da implementação da proposta metodológica desenvolvida durante o Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE), no Colégio Estadual Arnaldo Busato Ensino Fundamental, Médio, Normal e Profissional com os alunos da segunda série “B” do Ensino Médio. Tem como objetivo compreender como a literatura pode ser uma linguagem para ensinar a geografia do e no campo. O campo geralmente é visto em textos didáticos, ou mesmo em programas, como um local de atraso, selvagem, lento e homogêneo, em contraposição, a cidade um local do moderno, culto, veloz e heterogêneo. Contudo, quando aproximamos o olhar para as relações sociais ali desenvolvidas, percebemos como esse mito contradiz o real. Sua apreensão pelo aluno se dá de forma lúdica e envolvente. Considerando também, a riqueza do trabalho interdisciplinar, nos aliamos as outras áreas do conhecimento, que são uma forma de mostrar que, embora haja especificidade no conhecimento geográfico, a compreensão da realidade exige uma totalidade que somente o diálogo permite ultrapassar os limites disciplinares. Daí nesta pesquisa, além de compreender a geografia do campo, buscar-se-á uma metodologia possível de ser utilizada a literatura como mais um recurso para as aulas de Geografia.

**Palavras-chave:** Propostas metodológicas – Geografia – Literatura - Campo - Relações sociais.

## ABSTRACT

This work is the result of the implementation of methodological proposal developed during the Education Development Program (EDP) in College State Arnaldo Normal average Busato elementary school and vocational students in the second series "B". Aims to understand how literature can be a language to teach geography and in the field. The field is usually seen in teaching texts or even programs, such as a slow Savage, delay and homogeneous, by contrast, the city a modern worship location, speed and heterogeneous. However, when approaching the look for social relations, we realized how ali developed this contradicts the real. Concern student gives so entertaining and engaging. Considering also the richness of interdisciplinary work in we combine the other areas of knowledge, which show that, although specificity in geographical knowledge, understanding of reality requires a whole that only the dialog allows you to overcome the disciplinary boundaries. Hence in this survey, as well as understand geography field, sought a methodology that can be used more literature as a resource for Geography lessons.

Keywords: methodological proposals – geography – literature - social relations - field.

## INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado relata uma preocupação no entendimento da Geografia do campo, articulando a leitura de Obras Literárias e suas relações com o homem do meio rural. O Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE) da Secretaria de Educação (SEED) do Estado do Paraná contribuiu para instigar a curiosidade e a preocupação com o ensino através da leitura. Assim, este artigo é resultado de pesquisa, estudos e implementação de uma proposta metodológica, com a literatura como instrumento no ensino

---

<sup>1</sup> Professora de Geografia Deniza Inês Giongo Colferai

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Geografia da UNICENTRO – PR. Doutoranda em Geografia pela UNESP – Presidente Prudente/SP.

da Geografia do campo, estudada e desenvolvida durante o PDE, que pretendeu proporcionar aos professores da rede pública estadual, subsídios teórico-metodológicos para estudarem e desenvolverem atividades nesta linha de discussão.

O estudo do rural por meio da leitura, observação, análise e reflexão sobre a sua configuração favorece o entendimento do espaço geográfico, objeto central dos estudos em Geografia. Para isso, neste trabalho, desenvolveu-se juntamente com alunos da educação básica e nível médio, da segunda série “B”, do Colégio Estadual Arnaldo Busato Ensino Fundamental Médio Normal e Profissional atividades de leitura, análise, debate, montagem de painéis com análise das paisagens e trabalho de campo. Esse procedimento foi simultâneo à comparação de literatura, particularmente, *Vidas Secas* e *São Bernardo*, ambos de Graciliano Ramos, bem como a realização de tabelas comparativas com as realidades estudadas em campo e na sala de aula, sobre o espaço rural.

Da aplicação desta atividade didático-pedagógica os alunos, além das tabelas, construíram textos e criaram desenhos sobre o que foi estudado. Durante todo o processo, os mesmos foram avaliados de forma contínua, diagnóstica e somativa. Trabalho esse, orientado teoricamente pela pesquisa participativa, qualitativa e socioconstrutivista. (GABARRÓN; LANDA, 2006; LUDKE, 1986; VYGOTSKY, 1998).

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **Por que estudar o campo em Geografia? Como pensamos o campo?**

Com o advento da Revolução Industrial foi definida uma nova organização do espaço geográfico, apresentando uma divisão territorial entre o campo e a cidade, pois até a Revolução Industrial o campo era auto-suficiente; além de garantir a subsistência da população e o abastecimento das cidades, possuía um modo de vida específico, voltado apenas para a produção (HESPANHOL, 2006).

O campo, portanto, era o local onde se realizava a produção e a cidade era o centro político, administrativo e fornecedor de produtos artesanais e de serviços. Conforme Hespagnol (2006), a partir da Revolução Industrial, as cidades mudaram de vocação e passaram a concentrar a produção fabril ampliando o poder de gestão e oferta de produtos e serviços. Aparece, com isso, um abandono do campo, algo como atrasado, arcaico, sem oportunidades de emprego e escassez de educação.

Esse processo se iniciou no século XVIII e se estendeu pelo século XIX e XX. Se pensado no período que se estende entre 1950 até 1980, teve-se uma produção promovida pelas políticas públicas altamente favoráveis ao padrão tecnológico da chamada modernização da agricultura. Paralelo a isso, foi mantido uma agricultura de subsistência por pequenos produtores com poucos recursos e fora das políticas públicas (HESPANHOL, 2006).

Após esse período, instalou-se no Brasil modernos complexos agroindustriais, fazendo com que os espaços urbanos e rurais se tornassem mais articulados e independentes, ampliando a hegemonia das cidades sobre o campo.

Ora, os espaços rurais estão apresentando significativas mudanças na sua dinâmica, diversificando, e em alguns casos, apresentando uma retomada do crescimento da população rural.

Novas atividades também estão sendo desenvolvidas no campo para os moradores da cidade, como pesque-pagues e turismo rural, sendo que tais empreendimentos têm propiciado maior dinamismo econômico, causando alterações no perfil econômico e sócio-cultural da população do campo.

A elevação dos níveis de instrução da população do campo, a facilidade ao transporte e a eletrificação tem contribuído para que uma parcela cada vez mais significativa desenvolva atividades na cidade, mas resida no campo.

Neste momento é que a escola, mais do que nunca, deve se fazer presente. E, é esta contribuição que a Geografia deve dar a este aluno: uma Geografia que possa dar conta de explicar a importância que o campo tem para a sua população e a da cidade. É importante fundamentar todas as oportunidades que o campo disponibiliza, pois, uma parcela significativa de jovens prefere se submeter ao desemprego ou ao recebimento de baixos salários nas cidades a permanecer na zona rural. Isso pode caracterizar ou explicar a razão da desvalorização social do agricultor, do baixo valor recebido pelas práticas agropecuárias e do próprio isolamento.

Os diferentes sujeitos sociais do campo, ou os povos do campo, de diferentes comunidades camponesas, pesqueiras, ribeirinhas, de assalariados, quilombolas, povos indígenas, são reconhecidos pelo movimento na categoria de camponeses, para representar, segundo Caldart (2005), grupos de trabalhadores do campo que se contrapõem às relações capitalistas de produção.

Assim, podem-se citar baseado em Cypriano (1982), algumas características do meio rural:

- habitações isoladas – isolamento geográfico e social;
- comunicações precárias;
- falta de informações corretas;
- certo descontentamento – há uma ocorrência contínua para centros urbanos;

- credulidade, simplicidade, ingenuidade;
- abandono por parte da administração pública;
- os caminhos e vias públicas não são pavimentados;
- elevados índices de analfabetismo, baixo nível de distribuição de rendas;
- os lazeres e os trabalhos são muitos próximos do grupo de família;
- falta de serviços básicos – água, esgoto, postos de saúde;
- as ocupações principais são ligadas ao serviço da terra.

Ao mesmo tempo em muitos lugares, também se vê áreas prósperas de infra-estrutura com meio de transporte acessível, grande centros de lazer como hotéis fazenda, pesque e pague, entre outros. Há uma diversidade no campo que impõe uma análise complexa, envolvendo várias dimensões.

### **O ensino do/no campo: como está e como deveria ser?**

Vive-se momentos de grandes mudanças, principalmente no ramo da tecnologia, mas em tempo de grande complexidade aparece a atuação dos movimentos sociais. O desafio aparece para construir o paradigma da escola do campo.

Segundo Caldart (2005, p.24): “Este desafio se desdobra em duas tarefas combinadas: identificar as dimensões fundamentais da luta política a ser feita no momento atual; e seguir na construção do projeto político e pedagógico da Educação do Campo”.

Então, é necessário buscar, projetar outras práticas e políticas de educação que venham ao encontro com as realidades vividas no campo. É preciso construir um diálogo entre as particularidades de cada camponês e as suas lutas de classe.

Na construção da proposta pedagógica para o campo, é preciso analisar alguns traços marcantes. Caldart deixa claro quando diz que “[...] a materialidade de origem da Educação do Campo projeta e constrói determinadas relações que lhes são construtivas” (CALDART, 2005, p.25). Porque antes de ser uma concepção de educação, ela precisa ser uma concepção de campo. É ter uma visão de todo processo social, é desenvolver uma política pública voltada ao camponês, não uma educação voltada ao Brasil latifúndio.

Somos filhos de um capitalismo historicamente construído em cima do latifúndio, mas a educação do campo precisa aparecer como parte de diferentes grupos populares ligados à Reforma Agrária, à agricultura familiar, às associações de pequenos produtores.

Sem dúvida, a educação voltada para o campo aparece como um desafio nas políticas públicas, pela própria identidade que essa assume, de ser específica de um grupo social presente nos vários momentos de nossa história, da qual sempre foi empobrecida, inferiorizada e que hoje assume posturas de luta e de trabalho.

Durante muito tempo quem conseguiu manter, dinamizar a Educação do Campo foram os movimentos sociais do campo. Aquela imagem do homem do campo, envergonhado, pacato, calmo, bom, ordeiro e sorridente, não existe mais. Os movimentos sociais fazem isso nas lutas pela terra, pelos expulsos de suas terras, por diferentes motivos. No campo há muita dignidade, muito mais do que o próprio camponês pode ver. Essa falta de visão da importância do homem do campo por ele próprio, pode ser atribuída à falta de reconhecimento e valorização que essa classe sofre no Brasil e que foi se difundindo ao longo dos anos. A própria banalização do termo “colono” foi se construindo com um ar de “deboche”. Se este tem dificuldade de ver, imagine a elite (WILLIAMS, 1990, p.11).

O resgate de parte da dívida social do governo com o homem rural é um direito que essa parcela da população tem e merece, a qual lhe foi negada durante décadas.

Um fator importante na concepção de educação defendida pelos movimentos sociais do campo é na associação entre educação e um projeto popular de desenvolvimento social e econômico sustentável, em contraposição a um projeto hegemônico baseado no latifúndio. Portanto, cabe ressaltar o direito que o povo do campo tem à educação, voltada a uma dívida social historicamente construída neste país.

Diante de novas políticas públicas, surgem as Diretrizes do Campo (SEED, 2006) que são normas e critérios adotados para orientar a organização das escolas do campo, da qual não se delimita a um espaço geográfico, mas, sim a todos que delas tem direito.

O grupo na qual a escola está inserida é definida a partir de sujeitos sociais ligados a agricultores, familiares, assalariados, assentados, ribeirinhos, indígenas, remanescentes de quilombolas, etc., ou seja, a todos os povos do campo.

As pessoas nas comunidades urbanas se relacionam com outras, de acordo com as necessidades de seus trabalhos. Já no meio rural, o contato é mais reduzido por causa do menor número de pessoas que residem na comunidade, mas o relacionamento se torna mais profundo (GNOATTO, 2005).

Aparecem vários desafios para superar os problemas do acesso à qualidade, a viabilidade e a de se criar uma identidade da escola do campo. Exige-se, pois, um sistema que dê conta de um ensino, que assuma a tarefa de efetivação de uma escola pública e que atenda a dinâmica do campo.

Conforme estudo das Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo (SEED, 2006) tem sido historicamente deixada de lado na construção de políticas públicas e trabalhada a partir de um currículo urbano, fora das necessidades e realidades do campo. Essa visão urbana acaba por descaracterizar a identidade dos povos do campo.

Portanto, para que haja políticas que contraponham esta realidade é necessário ouvir os povos do campo, escutar os educandos e participação de professores com experiências em escola do campo, enfim, ouvir aqueles que têm algo a contribuir para o ensino de qualidade.

Também nas Diretrizes do Campo (SEED, 2006) fala-se em uma educação crítica, da qual a característica central é a problematização do conhecimento. Discutindo os conteúdos de forma que gere indagações, sempre valorizando as características regionais e nacionais.

Não podemos negar que houve grandes avanços tecnológicos com a modernização da agricultura, mas essas mudanças atingiram qualitativamente somente àqueles que dispunham de recursos para integrar-se ao novo modelo. A educação rural necessita apropriar-se dela para melhorar o processo de produção, necessita também resgatar os valores e conhecimentos empíricos em domínio dos agricultores, para que os mesmos se sintam valorizados e possam adotar tecnologias que venham ao encontro de suas necessidades e peculiaridades em benefício a sua qualidade de vida.

É fundamental que a educação valorize os costumes, as crenças, a música, ou seja, a cultura como um todo, para que a agricultura representada pelo jovem possa cada vez mais ter gosto pela vida campesina, e com isso resgatando a autoconfiança e auto-estima e que possa sentir orgulho de ser agricultor e exercer sua profissão com dignidade e serenidade. (GNOATTO, 2005).

Ligar, então, numa valorização do agricultor com a educação é que se focaliza o uso da Literatura para mostrar esse modo de vida e seus contrastes, servindo ainda como um recurso de apoio pedagógico para os estudos geográficos.

## **A literatura no ensino da Geografia**

O ensino da Geografia deve ser trabalhado, segundo Guimarães (2007), por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar idéias, opiniões, sentimentos e conhecimentos do mundo.

A escola hoje, através das Diretrizes Curriculares, busca renovações pedagógicas, métodos e técnicas para que se desenvolvam pesquisas sobre aspectos sociais, culturais e naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, dando conta de explicar as transformações de determinado espaço. Para isso, há várias linguagens a disposição do professor, sendo a literatura uma delas.

A leitura feita da literatura é uma tentativa de desenvolver métodos capazes de contribuir para a construção do conhecimento dos educandos, sendo que,

As obras literárias, por sua vez, podem ser entendidas como uma representação social condicionada a certos períodos históricos e utilizadas, no ensino da Geografia, como instrumento de análise e confronto com outros contextos históricos. Além disso, facilitam abordagens pedagógicas interdisciplinares (SEED, 2008, p.52).

A prática da leitura dos livros literários tem possibilidade de dar ao leitor uma outra opção pedagógica que é a de desenvolver a capacidade de interpretação, da imaginação e da criação de textos.

Nessa intervenção docente, ganha destaque à relação dialética entre a obra, ou parte dela, e as concepções cotidianas dos alunos sobre o tema tratado. Ao trabalhar com literatura, o professor deve pautar a abordagem geográfica às possibilidades oferecidas pela obra considerando a adequação da linguagem à etapa de escolarização dos alunos (SEED, 2008, p.52).

A Literatura pode despertar para a intertextualidade, o qual é um recurso tão importante e tão recorrente e podemos afirmar que, nenhum texto se produz no vazio ou se origina do nada; ao contrário, alimenta-se, de modo claro ou subentendido, de outros textos.

Estudiosos, como Terra (2008), chegam a afirmar que nenhum texto vem ao mundo numa inocente solidão, mas sempre faz referência a outro texto, em relação ao qual toma posição, seja para reiterar, seja para constatar, seja para subverter suas idéias. Em outras palavras: um autor faz referências a outro texto com o objetivo de apoiar o que já foi dito ou de dizer algo totalmente diferente, de criticar um ponto de vista, uma visão de mundo.

Conforme Antonello, Moura e Tsudamoto (2005) a Literatura, como recurso para o ensino de Geografia, tem como função educar para conduzir o sujeito a ver, enxergar,

questionar, observar e analisar o que já existe de fato, ampliando a sua percepção de mundo, bem como compreender que a literatura mostra o espaço por ele vivido numa relação com a sociedade.

O importante, no sentido pedagógico, é a literatura ser um objeto para que o aluno possa refletir sobre o seu modo de vida, as condições que o meio pode oferecer para se ter uma vida mais digna, não alienada. É um meio para se compreender o mundo, ampliando a visão desse mundo.

A Geografia, na sua prática escolar, tem papel relevante para a formação de aluno-cidadão à medida que esta fornece mecanismos para a leitura da realidade e ajuda-o a aprender a observar, perguntar, descrever, comparar e contextualizar os acontecimentos, considerando as dimensões de espaço e tempo, em níveis científicos.

Apontam-se então, caminhos, para dar maior respaldo ao que se ensina nos bancos escolares na disciplina de Geografia, contextualizando-os com a verdadeira história do Brasil, que possa ajudar para retratar o modo de vida do camponês em diferentes lugares e tempos.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Conforme a concepção teórica assumida, faz-se necessário aliar os conteúdos a serem entendidos numa relação com os principais conceitos. Dos conteúdos estruturantes derivam os conteúdos específicos, os quais devem ser abordados a partir das relações entre poder, espaço-tempo e sociedade-natureza. Essas categorias/conceitos garantem a totalidade da abordagem.

Neste contexto, esta proposta parte do princípio que o espaço do homem do campo deve ser trabalhado a partir do conceito de lugar, levando os/as alunos/as a se questionarem sobre o espaço rural e suas implicações.

A implementação do projeto foi pensada e estruturada com base no conhecimento prévio (espontâneo) dos alunos sobre a vida no campo e o uso da literatura como instrumento principal para este estudo, sendo indicada a leitura de duas obras: *Vidas Secas* e *São Bernardo*, do autor Graciliano Ramos, com antecedência de 15 dias a iniciar a aplicação do trabalho e, paralelo a isso, foi realizada a leitura de textos tanto do livro didático quanto de pesquisas feita pelos mesmos com o uso do laboratório de informática, bem como visita a campo, produção de desenhos, análise de mapas e imagens, construção de painéis, produção de textos e sensibilização com música.



Na combinação de Geografia com Literatura, buscam-se caminhos possíveis para que os alunos entendam melhor o ambiente em que vivem e a partir daí tomarem decisões para possíveis mudanças. Precisando criar expectativas, incentivando a leitura, fazendo com que o aluno crie o hábito, despertando para a curiosidade e aprendizado. A leitura deve ser um dos principais momentos em sala de aula, pois a formação de leitores é um dos papéis da escola.

Por isso, com o intuito de apresentar propostas de atividades utilizando a Literatura como instrumento de ensino, escolheu-se as obras já citadas por indicação das professoras de Português<sup>3</sup> por conhecerem a proposta de trabalho sobre o homem do campo. A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, retrata um conjunto de episódios da vida precária de uma família típica de nordestinos, castigada pela seca, mostra diversas situações vividas por essa família, vítima não só dos rigores do tempo, mas das injustiças sociais daquele espaço/tempo; já *São Bernardo*, em grande parte, é um relato sobre a vida de Paulo Honório, da maneira como comprou a fazenda, o sentimento de posse, de domínio sobre a terra e as pessoas que o cercavam.

No início da atividade, comentou-se sobre as intenções da aplicação do projeto, pedindo a colaboração e participação de todos. Sendo que se aplicou um questionário sócio econômico à turma (anexo 1); de posse dos questionários respondidos pode-se analisar alguns dados para ter-se o perfil do grupo.

## **RESULTADO DA PESQUISA**

Do total de 40 alunos que estão na faixa de 15 a 17 anos a distribuição percentual quanto ao seu domicílio é mostrada no Gráfico 1.

---

<sup>3</sup> Janete Alves Jordani, Maria Odete Menezes e Marta Corá, licenciadas em Português, atuam no Colégio Estadual Arnaldo Busato – EFMNP.

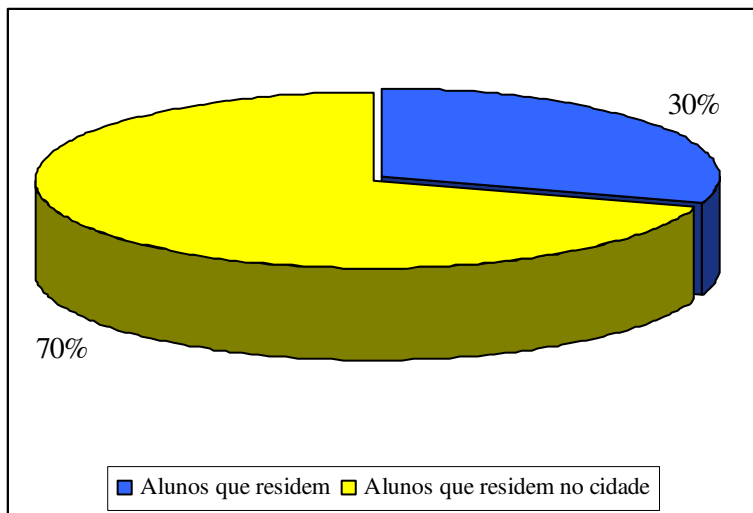


GRÁFICO 1 – Local de residência dos alunos em percentual  
 Fonte: Colferai, 2009.

As famílias desses alunos possuem rendas diferentes, em razão das atividades profissionais exercidas. No Quadro 01 são mostradas as incidências quanto às profissões e a renda média em salários mínimos nacionais vigentes em setembro de 2009<sup>4</sup>.

QUADRO 01 - Comparação de renda, localização e profissão de pais de alunos

<b>Alunos</b>	<b>Média de salários mensais</b>	<b>Profissões</b>
12 alunos do campo	2 a 4	Produtor rural
20 alunos da cidade	2 a 3	Gari, vendedor, pedreiro, eletricitista
8 alunos da cidade	Acima de 3	Professor, empresário, gerente comercial, veterinário

Fonte: Colferai, 2009.

Desses, 21 alunos tem acesso à internet em casa, um dos meios que utilizam para manterem-se atualizados. Possuem ainda televisão e rádio, dispendo ainda de jornais e revistas. Dos livros, preferem leitura de romances; e dos jornais e revistas, preferem atualidades. Dispõe também de material da biblioteca da escola, mas, ocupam a maior parte do tempo assistindo televisão e trabalhando com os pais.

Com o conhecimento de algumas características da turma, o próximo passo foi despertar no aluno o interesse em conhecer a realidade por muitos vivida no campo, procurando entender o seu modo de vida e sua importância para sociedade.

<sup>4</sup> Salário mínimo nacional em setembro de 2009: R\$ 465,00 (Quatrocentos e sessenta e cinco reais).

## Apresentando o tema: Estudando o Homem do Campo e a Literatura

Questionou-se os alunos quanto ao seguinte: ainda há espaço para o homem do campo? Você já parou para pensar como é vida do homem do campo? Como é o seu dia a dia?

Para tanto, usou-se dos conhecimentos prévios que possuem sobre o espaço rural, fazendo uma sondagem de como eles vêem o homem do campo. Foram analisadas algumas imagens sobre o campo, na tvpendrive, desde já comentando e incentivando a leitura das obras literárias. Os dados coletados são mostrados no Quadro 02, a seguir:

QUADRO 02 – Respostas obtidas dos alunos quanto às características da vida no campo

<b>Há espaço para o homem do campo? Conhece sua vida, o seu dia a dia?</b>			
<b>ID*</b>	<b>Frases (exemplos)</b>	<b>Conceito-chave</b>	<b>Frequência</b>
A13	“ <i>Sim, só que precisa de <b>incentivo</b> por parte do governo, ajuda de custo, porque nunca se sabe se o tempo vai ajudar.</i> ”	Incentivo	3
A8	“ <i>Ora, o campo é <b>atrasado</b>, anda mais devagar.</i> ”	Atrasado	3
A11	“ <i>É do campo que vem o <b>alimento</b> para a cidade.</i> ”	Alimento	2
A9	“ <i>Sei como é a vida no campo, por residir neste espaço, mas temos praticamente <b>tudo o que tem na cidade.</b></i> ”	Comparação	1

\* Os alunos são identificados como A1; A2; A...n.

Organização: Colferai, 2009.

Para despertar o interesse comentou-se quanto à “Vida no Campo”.

Durante muito tempo o que se caracterizava como sociedade brasileira era a qual identificava seu meio rural, justamente por terem ocorrido neste espaço às primeiras relações entre os grupos que formavam nossas populações e também foi onde se fundaram as raízes da nossa organização social. Hoje, o Brasil é considerado um país urbano, embora ainda haja quem diga (VEIGA, 2007), que boa parte das cidades existentes não pode ser considerada como tal, uma vez que suas relações ainda carregam a ruralidade.

Digamos que o Brasil do século XXI não é o mesmo, já que o campo e a cidade não mantêm as mesmas relações anteriores aos meados do século XX. Contudo, não há como negar a importância do campo e de interdependência com a cidade. Embora ainda é, predominante e forte, o discurso da separação entre campo e cidade, dando a entender o campo como espaço selvagem, atrasado, e a cidade, o lugar do civilizado e adiantado,

apresenta-se uma abordagem muito economicista e estatística do campo. O modo de vida do camponês pouco é abordado.

Continuando, perguntou-se aos alunos: como você percebe essa associação do homem do campo como selvagem e o homem urbano civilizado? De onde vem isso?

Surgiram aqui vários comentários e até mesmo risos de alguns, como se o campo fosse isso mesmo. No Quadro 03 são mostrados os comentários dos alunos acerca dessa associação:

QUADRO 03 – Comentários dos alunos quanto à associação sobre o homem do campo e da cidade

<b>Como você percebe a associação do homem do campo como selvagem e o homem urbano civilizado?</b>			
<b>ID*</b>	<b>Frases (exemplos)</b>	<b>Conceito-chave</b>	<b>Frequência</b>
A12	<i>“Claro, pois no campo, não tem acesso rápido à informações”.</i>	Selvagem	1
A14	<i>“Na cidade tem tudo, e são mais modernas, tudo é mais perto”.</i>	Selvagem	1
A3	<i>“Temos acesso a várias informações, novidades, tecnologias”.</i>	Selvagem	1
A15	<i>“Essas histórias de que o campo é antigo, são ultrapassadas, temos os meios de comunicação, estradas, carros, máquinas modernas...”.</i>	Civilizado	1

\* Os alunos são identificados como A1; A2; A...n.  
Organização: Colferai, 2009.

Interessante aqui que a aluna A15 indagou: *“Nós conhecemos a cidade e vocês conhecem o campo? Sabem de onde vem o alimento? Sabem se planta e quais os cuidados? E vocês na cidade sabem o quê?”.*

Nesse momento, foi feita uma intervenção, na qual buscou-se instigar aos alunos, a curiosidade, sem tirar conclusões precipitadas, convidando-os a pensarem essa realidade, tentando descobrir suas particularidades.

A partir daí buscou-se apresentar historicamente a separação entre o campo e a cidade, bem como sua atual integração. Foi necessário, então, refletir sobre o espaço agrário na medida em que o campo perde para cidade, a preponderância que teve, o modo de produção feudal, bem como seu domínio pela cidade. A burguesia obtém o poder econômico e depois o poder político; passa a exercer poder sobre as classes menos privilegiadas da cidade e do campo. Assim, no modo de produção capitalista o campo foi submetido à cidade.

Sobre isso, é importante citar a contribuição da Cursista do GTR: *”a agricultura é a atividade básica para a maior parte da população mundial, e que dela depende direta ou indiretamente, e que se pensarmos pelo viés da história, percebemos que é uma das mais antigas formas de organização do espaço pela sociedade humana, e um dos mais eficientes instrumentos de transformação/apropriação de um espaço que, na origem, podia ser definido como natural, da qual a sociedade foi organizando por meio do trabalho da população e transformando em social. Assim, vai delineando-se uma nova organização do espaço geográfico, que é a divisão da cidade e do campo, tornado-se cada vez mais marcante na medida em que crescem as cidades e aumenta os consumidores.”*

#### **CARACTERIZANDO O CAMPO A PARTIR DO CONHECIMENTO PRÉVIO DOS ALUNOS**

Uma vez, apresentado essa discussão, no decorrer do trabalho, em sala de aula, foi realizado uma sondagem sobre o conhecimento que os alunos têm sobre as questões do campo. A partir disso, os mesmos foram dando ênfase a um ou outro assunto, enfim, o quadro ficou cheio de dados e assuntos para serem estudados. No Quadro é mostrado as sugestões de assuntos a serem estudados sobre o campo, indicados pelos próprios alunos.

QUADRO 04 – Elementos citados

<b>Itens de estudo</b>	<b>Derivados</b>
<b>Produção de alimentos</b>	Trigo, soja, milho, frutas, verduras, trigo, batata.
<b>Pecuária</b>	Criação de frangos, bovinos, suínos, piscicultura, ovinos.
<b>Homem do campo e seu modo de vida</b>	Cultura, experiência, moradia, saneamento.
<b>Tamanho das propriedades e formas de relações de trabalho</b>	Parcerias, arrendatários, bóias frias, contratos temporários.
<b>Uso das tecnologias</b>	GPS, máquinas, equipamentos, formas de armazenamento da produção.
<b>Formas de Produção</b>	Transgênicos, orgânicos, subsistência, comercial.
<b>Incentivos governamentais</b>	Para a produção.

Organização: Colferai, 2009.

Os mesmos dados, agrupados em itens foram utilizados para o encaminhamento da aula seguinte. Aos alunos, foi solicitado imagens sobre os temas.

Importante dessas aulas é que, mesmo os alunos que residem no campo tinham dificuldades em se expressar com relação aos assuntos abordados, pois percebemos

por parte deles certa “*vergonha*”<sup>5</sup> por residir no campo. No entanto quando os assuntos começaram a ser abordados, muitos queriam saber detalhes, e assim começaram a falar mais, deixando a timidez de lado.

Fato interessante e que marcou quando o aluno A17 falou sobre os utensílios do campo e citou a “*bazuca*”<sup>6</sup>, necessário foi explicar-lhes o significado, porque muitos pensavam que era uma arma, e assim os temas foram surgindo até de forma mais descontraída.

Aproveitando, trabalhou-se o conceito de lugar, o qual emerge na forma de organização do espaço e como esse se apresenta. Para essa organização, o lugar vem ao encontro do meio em que vivemos, implicando na forma como esse meio é disponibilizado para as práticas sociais e econômicas.

Isso fica evidente para descrever a importância dos lugares que é um conceito chave para estudos geográficos. E isso leva a analisar a concepção de lugar segundo Massey, “viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos”(MASSEY, 2008, p.190).

Essa forma de pensar remete a concretude do lugar, no entanto, que qualificado por um espaço exterior, geográfico, seria uma necessidade própria, que se realiza num local mais ou menos definido e que a percepção do leitor tende a identificar uma realidade concreta, geográfica. E cada livro fornece uma tradição cultural com uma visão particular de mundo que reveste de uma estrutura espaço-temporal. Assim Monteiro (2001, p.14) mostra que “começando pela casa os lugares se ampliam à cidade, ao campo, à região, ao país, ou seja, em diferentes unidades escalares que podem ser definidas geograficamente”.

Essas discussões, sempre foram realizadas durante as atividades, incentivando a prática da leitura das obras indicadas, pedindo para obterem exemplares na biblioteca da escola.

### **Organização, observação e análise de imagens**

Os espaços rurais vêm apresentando mudanças muito significativas. Estão se tornando mais diversificados e é uma forma de atrair a atenção de nossos alunos para essas diversidades através do trabalho com imagens, principalmente, que se despertou o interesse

---

<sup>5</sup> Essa vergonha muitas vezes se manifesta por acreditarem realmente que estão atrasados com relação a cidade, mas eles mesmo perceberam que do campo muita coisas tinham conhecimento e sabiam expressar suas idéias.

<sup>6</sup> Equipamento usado na colheita.

dos mesmos por diferentes ângulos, pois o uso de gravuras tem por pretensão chamar a atenção dos alunos, permitindo que eles observem os detalhes, fazendo com que se criem situações de análises críticas sobre os temas abordados e a relação com as obras lidas.

Nessa aula o objetivo foi propiciar situações de análises críticas das imagens para despertar o raciocínio, noções de personagens, espaço e tempo das narrativas contidas nas revistas e nas obras literárias. Das anotações feitas nas aulas anteriores, organizamos os grupos e separamos os temas para cada equipe.

Distribuíram-se revistas<sup>7</sup> para separarem as reportagens e/ou imagens sobre os temas.

No decorrer do trabalho cada grupo ficou com um tema, havia bastante material. Os alunos separavam as imagens, mas antes liam parte dela e comentavam com os colegas do grupo. Em seguida houve a troca de imagens com outros grupos. Demorou uma aula para a montagem dos painéis, e foi interessante como antes de recortar eles buscavam informações para ver se estava de acordo com os temas.

Uma aluna, A14, comentou: *“vou guardar esta reportagem para mostrar em casa como é uma horta bem organizada”*. A colega, A7, falou: *“eu não quero nem saber, se eu der a idéia é provável que sobre para mim, e eu não gosto de mexer com terra”*.

Quanto à montagem de painéis – a vida do homem no campo – um detalhe chamou a atenção, pois na escolha de figuras com imagem de família na comunidade, algumas mostravam bóias fria e casa simples, sendo que estas praticamente não foram colocadas no painel.

Alguns alunos priorizaram o uso de imagens com máquinas modernas, e um dos alunos, A13, falou que o livro que estava lendo não retratava esta realidade, mas que sabia que em muitos locais do Brasil essa modernidade toda não chegou.

Nas Figura 01 e 02, a seguir, são mostrados os recortes de revistas segundo a visão e a percepção dos alunos sobre o campo e o seu contexto. Para melhor visualizar a expressividade dos alunos, foram assinalados com “x” em vermelho, as imagens que representam o campo como setor dotado de tecnologia, infra-estrutura moderna e aspecto organizado de produção.

---

<sup>7</sup> Revistas: Globo Rural, Geográfica, Veja, Super Interessante, Caderno Agrícola. Época. Material pedido para os alunos trazerem e material disponível na biblioteca, bem como material fornecido pelas empresas agrícolas usando as relações existentes..

Com um “x” em cor azul, foram assinaladas imagens que representam o aspecto rural em sua origem e características como: a visão do homem do campo, registros de trabalhos manuais e simplicidade das pessoas que compõem essas imagens.



FIGURA 01 – Composição de painel sobre a tecnologia agrícola  
Organização: Colferai, 2009.

Após a fixação dos painéis na parede, realizou-se debate e cada grupo falou um pouco das imagens, questionando e debatendo a relação que poderiam fazer com as obras lidas. Foram breves relatos, pois todos os alunos não tinham ainda, feito a leitura completa das obras.

Analisando-se as imagens selecionadas pelos alunos para a composição do painel sobre o homem do campo, verificou-se uma profusão de imagens sobre máquinas, equipamentos e tecnologias. Nesse primeiro painel não são observadas imagens representativas do campo quanto à sua natureza peculiar, mas destacada a inclusão dos recursos tecnológicos que, inclusive, o modificam.



Fato semelhante ocorreu na seleção de imagens para a composição do segundo painel, quando se verificou que em vinte recortes, apenas seis enfocam o campo em si; as demais imagens se referem igualmente aos recursos tecnológicos, máquinas, equipamentos, veículos, produções em série e demais elementos que são inerentes ao campo, ainda que não representativos do mesmo, seguindo-se o enfoque deste trabalho.



FIGURA 02 – Painel composto por imagens do homem do campo  
Organização: Colferai, 2009.

Em síntese, utilizando como exemplo, as imagens coladas em 2 painéis destacam-se 38 figuras; 32 priorizam a modernidade, e 6, de forma bastante discreta e apagada, as atividades mais simples do campo.

Para incentivar a leitura comentou-se sobre alguns detalhes das obras, pois se tem a necessidade de socializar os fatos, partindo de um breve histórico de Vidas Secas, publicado por Graciliano Ramos, dois anos após sua prisão, em Alagoas. Nas frases iniciais, o

livro aponta elementos como planície avermelhada do sertão nordestino sob a seca; o verde dos juazeiros, a família de retirantes, sem posse de terras, tangida pela seca, chegando em uma determinada fazenda. Essa obra retrata nitidamente a família e suas relações, não dando ênfase tanto ao local, por isso a facilidade em trazer essa obra até nós, e com isso, trabalhar o homem do campo. Interessante destacar na fala do livro: “Fabiano é um vaqueiro, homem rude, que se sente um bicho e age como tal [...]”

Na obra São Bernardo, dá ênfase ao personagem de Paulo Honório que foi abandonado pelo pai, criado por uma negra, a doceira Margarida, o de Padilha, filho do falecido patrão de Paulo, Salustiano Padilha - é beerrão, mulherengo e incompetente. Neste contexto Paulo Honório se aproxima de Padilha com o propósito calculado de tirar-lhe a propriedade. Consegue, fazendo-se seu amigo, emprestando-lhe dinheiro, dando-lhe maus conselhos sobre o cultivo da fazenda. Quando vence a última letra que Padilha devia a Paulo, dirige-se a São Bernardo (fazenda) e praticamente rouba a propriedade de Padilha, que, arruinado, acaba por vendê-la a preço irrisório.

Nesse tema os alunos começam a perceber que nem tudo que vêem pode ser da forma como é contada a história e percebem que muitas injustiças podem ter sido cometidas na aquisição de terras.

E, mais uma aluna, A8, destaca que no livro é com violência que Paulo Honório começa a reconstruir a fazenda e se usa de Capanga, no caso Casemiro Lopes, que é assassino e mata o velho Mendonça, da propriedade vizinha, Paulo invade os domínios vizinhos, compra máquinas, empresta dinheiro de bancos, ganha causas no fórum e tem advogado que o protege.

Também houve polêmica quando um aluno, A3, falou que, “*o homem do campo trabalha pouco e só alguns dias no ano*”.

Outra aluna, A15, a esse respeito fez suas observações, explicando que: “*eles não têm um horário fixo, mas que eles dependem do clima, que é esse que determina o horário e o tempo de trabalho*”.

Após a discussão sobre as obras organizou-se uma pesquisa, a qual realizou-se no laboratório de informática, com o objetivo de buscar aprofundar o que foi discutido, dos elementos citados no quadro 4.

Ainda, solicitou-se para que continuassem a leitura das obras e no final ouviu-se a música: *Obrigado ao Homem do Campo* para refletirem sobre a importância do mesmo.

“[...]”  
Obrigado ao homem do campo  
Pelo leite o café e o pão  
Deus abençoe os frascos que fazem  
O suado cultivo do chão [...]”.<sup>8</sup>

O modo de vida do homem do campo associada a pouca instrução escolar, as dificuldades que perpassam essa parcela da população, ainda é muito presente em várias regiões do país. Ler esta realidade é algo fundamental. Muitas são as formas de expressá-las, tanto em jornais, revistas, fotografias, músicas, documentários, quanto em obras literárias.

### **A internet como linguagem para o estudo geográfico do campo**

Através do uso da internet, incentivou-se os alunos a pesquisarem sobre as diferentes formas de produzir, desde uma propriedade de alimentos orgânicos, bem como uma de produção convencional, e também, propriedades de áreas com tamanhos diferentes. Organizou-se, também, um grupo para pesquisar mais sobre as relações de trabalho no campo. O objetivo era despertar no aluno o interesse em conhecer, através da pesquisa na rede, a realidade por muitos vivida no campo, procurando entender o seu modo de vida, os sistemas de produção e sua importância para sociedade.

Para o uso do laboratório de informática, contou-se com o auxílio da professora pedagoga do PDE 2008<sup>9</sup>.

Portanto, o registro dessa aula no laboratório de informática, destacando algumas produções dos alunos, ficou organizado no Quadro 05:

QUADRO 05 – Produção dos alunos

<b>Modernização Agrícola</b>	<b>Problemas Ambientais no Campo</b>	<b>Agricultura familiar</b>
<i>“Na modernização da agricultura, é comum que se pense apenas na modernização de técnicas –</i>	<i>“O cultivo de espécie vegetal única em grandes extensões de terras, favorece o desenvolvimento de grande</i>	<i>“Na agricultura familiar, o trabalho administrativo, as decisões sobre como produzir os investimentos</i>

<sup>8</sup> Fonte: <http://letras.terra.com.br/dom-ravel>

<sup>9</sup> Simone Pelim Cenci. Para organizar o laboratório de informática, tendo em vista que tema dela no PDE é o uso das tecnologias na escola. O laboratório tem mais de 60 computadores organizados em rede; ela explicou um pouco sobre o uso dessas tecnologias e como pode ser usado o laboratório.

<i>substituição de trabalhadores por máquinas, uso intensivo de insumos e desenvolvimento da biotecnologia- e que se esqueça de observar quais as conseqüências dessa modernização nas relações sociais de produção e na qualidade de vida da população”. (A8)</i>	<i>quantidade de pequenas espécies de animais invasores, como as pragas que se alimentam desses produtos, obrigando produtores a aumentarem o uso de agrotóxicos, os chamados defensivos agrícolas, que se infiltram nos solos e são carregados pelas chuvas para os cursos de águas, provocando fortes impactos ambientais”. (A11)</i>	<i>são realizados pelos membros da família, sendo eles proprietários da fazenda ou não. Se a política agrícola está voltada à fixação das famílias no campo, ao aumento da oferta de alimento no mercado regional e à geração de maior número de postos de trabalho, a agricultura familiar tem um papel importante em seu desenvolvimento.” (A10)</i>
--	---	--

Organização: Colferai, 2009.

Nessa mesma aula, mais uma vez para incentivar alguns alunos que fizeram a leitura das obras sugeridas, organizaram-se cartazes, contendo pequenos trechos dos livros *Vidas Secas* e *São Bernardo*. Esse material foi afixado nos corredores da escola. Perceberam-se nessas frases uma tendência em conhecer o campo, o modo simples de se viver, detalhes dessa realidade. Os trechos selecionados são mostrados no Quadro 06, a seguir:

QUADRO 06 – Trechos de *Vidas Secas* e *São Bernardo* afixados nos corredores da escola

<i>“...ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado a camarinha escura, pareciam ratos...”(Vidas Secas).</i>	<i>“...quem teria levado Baleia? Onde estaria a cachorrinha?” (Vidas Secas).</i>	<i>“...o galo batia as asas, os bichos bocejavam no chiqueiro, os chocalhos das vacas tiniam...”(Vidas Secas).</i>
<i>“..”achei a propriedade em cacos: mato, lama, e poto, os caminhos estavam intransitáveis...”(São Bernardo).</i>	<i>“...na torre da igreja uma coruja piou, estremeceu...”(São Bernardo).</i>	<i>“...ora vejam, se eu possuísse metade da instrução de Madalena...”(São Bernardo).</i>

Organização: Colferai, 2009.

Tais trechos tiveram como objetivo incentivar a leitura e até mesmo despertar a curiosidade de outros alunos, criando assim, uma corrente de leitores.

### **Uma visita a campo**

“O lugar está no mundo e o mundo se reproduz nos lugares de diferentes maneiras.” (MORITZ; GOMES, 2008, p.20). Portanto, optou-se em fazer uma atividade de

campo para os alunos observarem as especificidades locais/regionais, analisar o desenvolvimento rural, a participação dos agricultores familiares, a presença no campo de atividades não-agrícolas e ver que os espaços apresentam mudanças significativas na sua dinâmica, buscando efetivamente a comparação deste conhecimento prático com o que foi lido nas obras literárias.

Foi possível conhecer a vida do homem do campo no seu dia a dia, e entender o seu modo de vida, os sistemas de produção, sua importância para sociedade e, como isso, comparar com o relato das obras literárias: “Vidas Secas e São Bernardo” Obras de Graciliano Ramos. Organizou-se uma visita em propriedades da região. Levamos questões feitas com antecedência, para entrevistar as pessoas das áreas, registrando o maior número de informações, comparando com a leitura das Obras durante as visitas e a leitura das pesquisas na internet.

O roteiro de entrevistas abarcou várias questões e ficou dividido em 3 situações, conforme amostra do no Quadro 07:

QUADRO 07 – Roteiro de entrevistas

<b>Organização da propriedade rural</b>	<b>A vida no campo</b>	<b>Relação do campo com a cidade</b>
Quem cuida da propriedade? Quantas pessoas trabalham? É possível falar sobre como vocês foram contratados? Quem é proprietário? Qual o tamanho da propriedade? O que produzem?	Qual a atividade na propriedade que dá mais trabalho? Qual horário de trabalho? O tempo interfere na atividade do dia a dia?	O que sentem falta por morarem mais distante da cidade? O que as pessoas da cidade perdem? Participam de palestras e cursos? Com tanta violência, que cuidados vocês tem para garantirem a segurança na propriedade?

Organização: Colferai, 2009.

Outras perguntas foram realizadas no decorrer das explicações. Saímos pela manhã, 8 horas do Colégio Estadual Arnaldo Busato, em ônibus cedido pela Prefeitura Municipal, através de Ofício feito pela Escola, e fomos até a comunidade de Palmeirinha.

Foi possível explorar a comunidade de Palmeirinha, igreja com torre, a cancha de bocha, o campo de futebol, salão de festa, churrasqueiras, as residências, a escola fechada. Durante o passeio os alunos relacionaram o lugar com as Obras Literárias lidas; a festa da qual a família de retirantes participou (Vidas Secas); a residência de alguns

personagens do livro São Bernardo e a escola que tinha na propriedade, a qual era comum em grandes propriedades.<sup>10</sup>

Partindo da análise do comportamento dos alunos, foi possível agregar as suas ações a alguns dos trechos da literatura selecionada para este estudo, conforme segue:

“Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos iam à festa de Natal na cidade...”

“Tinham fechado a casa, atravessado o pátio, descido a ladeira...”os meninos estreavam calça e paletó...”(RAMOS, 2006, p.71).

“A igreja cada vez mais se enchia...” (RAMOS, 2006, p.75).

Aqui retrata, a forma como o homem do campo dá importância às festas, vestindo roupas novas, indo à igreja. Vemos isso com clareza ao estudarmos e/ou analisarmos a forma como é a vida no campo. Praticamente todas as comunidades possuem igreja, salão de festas, cancha de bocha e campo de futebol.

Continuando, na primeira propriedade visitada encontrou-se uma área de 07 alqueires, produção leiteira, cachorros (bravos), casa simples de madeira, antena parabólica e celular; ali quem trabalha são os membros da família, o casal e 02 (dois) filhos, de 11 e 14 anos, uma horta simples, poucas árvores frutíferas e percebe-se a preferência por culturas mecanizadas (contratada de terceiros), evitando a mão de obra.

Na segunda propriedade, uma área de 78 alqueires, produção diversificada com vaca leiteira, criação de búfalo, pato, suíno, javali, peru, avestruz, frango, faisão, porco da índia, muitas árvores frutíferas, uma horta, açude, reflorestamento com pinus, lavoura de soja e milho, um pequeno museu.

O proprietário, Alceno Ferri, reside na cidade; foi Vice Reitor da Universidade Federal de Santa Maria e agora volta a suas raízes. Na propriedade tem o “capataz”<sup>11</sup> com sua família e mais um peão, muitos cachorros, uma passarela sobre um açude, antena parabólica, antena para celular e a casa mista em madeira e alvenaria.

As explicações de como funciona a primeira propriedade foi dada pelo dono e a segunda propriedade foi feita pelo administrador, sua esposa e filha, a qual estuda na casa familiar, bem como seu irmão. Eles estão preparados para receber alunos, a propriedade é usada como modelo de produção e estudos e no dia que organizam visitas eles ficam a disposição.

---

<sup>10</sup> Hoje a escola está no espaço urbano, do Município, não mais na comunidade Palmeirinha.

<sup>11</sup> O termo capataz usado pelo administrador não configura a pessoa violenta da qual o termo expressa e que foi conceituado numa história recente de violência no campo.

Pode-se perceber que o campo envolve diferentes sujeitos sociais que possuem papéis específicos. De norte a sul do país, a função exercida por eles vai ganhando denominações que, muitas vezes, se repetem em regiões diferentes e em outras divergem. No quadro 08 são apresentadas algumas denominações para as pessoas que vivem no campo, conforme suas atribuições.

#### QUADRO 08 - Denominações para as pessoas que vivem no campo

<p><i>Posseiro</i>: agricultor pobre que ocupa terras abandonadas; legalmente, pode valer-se do usucapião para reclamar a posse definitiva das terras após ocupá-las por certo tempo (quinze, dez ou cinco anos, dependendo dos casos estabelecidos em lei).</p> <p><i>Meeiro</i>: trabalhador, geralmente desprovido de terras, que oferece sua mão-de-obra e seus equipamentos em troca da metade da produção, conforme acordo firmado com o proprietário da terra a ser trabalhada.</p> <p><i>Grileiro</i>: especulador de terras que se apropria de grandes glebas, falsificando títulos de propriedade.</p> <p><i>Gato</i>: pessoa que arregimenta trabalhadores rurais para fazendas longínquas. Suas promessas não costumam ser cumpridas, podendo gerar inclusive trabalho escravo.</p> <p>Bóia-fria, camaradas, peões: Dependendo da região, os nomes dados a essas pessoas variam, mas o trabalho é o mesmo, ou muito parecido. /Para saber mais, busque informações em livros e/ou entrevistando agricultores, escute suas histórias.</p>
--

Organização: Colferai, 2009.

Encontra-se hoje, em muitas áreas rurais do país, a população em idade avançada que enfrenta graves problemas de sucessão nas propriedades, pois parte expressiva da população jovem prefere se submeter ao desemprego ou ao recebimento de baixos salários nas cidades a permanecer na zona rural. Tal fato se explica em razão da desvalorização social do agricultor, da baixa renda gerada pelas atividades agropecuárias e do isolamento e dificuldade de acesso aos serviços públicos básicos, inclusive de educação e saúde pela população no campo.

Na chegada à segunda propriedade deram de cara com um cachorro no pátio; ao vê-lo os alunos se lembraram do cachorro citado na obra de Vidas Secas - o “Baleia”, e assim passaram a chamá-lo. O cachorro em questão foi fotografado para registro neste trabalho e é mostrado na Foto 01.



FOTO 01 – Registro do cachorro nominado de Baleia pelos alunos  
Fonte: Colferai, 2009.

Foram dadas explicações sobre as diferenças nas áreas das propriedades – alqueire e hectare - e como era a propriedade com relação ao tamanho citado no Livro “São Bernardo”; a quem pertencia a segunda área visitada, e a parte comprada há pouco tempo.

Na propriedade menor, a forma de produzir indicou primeiramente para subsistência; a produção de leite é vendida para o laticínio. Já na propriedade maior, a forma de produzir é diversificada; a horta é feita sem uso de veneno e possuem grandes áreas de soja e milho.

Perguntado ao administrador sobre a pouca chuva, ele comentou que ali, pelo fato da propriedade possuir bastante água não teve problemas. Comentou-se sobre o problema do Sertão Nordestino e o que o Livro “Vidas Secas” retrata.

Uma coisa chamou atenção dos alunos: os meios de comunicação disponíveis e a facilidade que os mesmos proporcionam à comunidade, segundo explicações do administrador.

As lendas da Região sobre o aparecimento de “leões” e “cobras” gigantes fizeram com que os alunos comentassem sobre como é a noite na propriedade. Lembraram que a noite na propriedade “São Bernardo” era de silêncio para escutar se alguém caminhasse ao redor da casa.

Foi comentado sobre o estilo das casas, o pequeno museu, as máquinas modernas, as ordenhadeiras.

Perguntado também sobre as relações de trabalho, o administrador respondeu que é de parceria, e o “peão” é registrado. E em Vidas Secas e São Bernardo?



Uma pergunta do aluno A5 chamou a atenção: “*O que as pessoas perdem, por não morarem no campo?*” E o administrador respondeu que: “*A qualidade de vida, e aqui a gente sabe o que come, pois somos nós que plantamos.*”

Ao observar o campo percebe-se que a família rural brasileira estrutura-se de modo muito simples, está muito ligada ao convívio com o grupo local. Envolvem-se em atividades comunitárias, mantêm uma relação muito forte com os parentes, e existe uma forte ligação de compadrio, ou seja, o amigo, o vizinho batiza seu filho e a partir daí tem esta ligação de compadre.

Após muita caminhada e conversa, quase quatro horas, paramos para lanche e brincar na passarela, bem como saborear as frutas ali produzidas, tudo com permissão do administrador.

A Foto 02 registra um momento de descontração dos alunos, após quatro horas de aula/pesquisa na propriedade rural visitada.



FOTO 04 – Travessia dos alunos na passarela  
Fonte: Colferai, 2009.

Na volta foi possível ver o Rio Chopim, um importante rio para a região, e a pouca área de mata ciliar. Ali teve muitos questionamentos e discussões. Lembrando das novas normas para registrar uma propriedade e a necessidade da existência de 20% de área de mata nativa e ou reflorestamento.

## Contextualizando na escola, em sala de aula

“[...] A educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestão do novo e a ruptura com o velho” (ARANHA, 2002, p.50). A educação é vista como um processo extremamente interacionista, sendo o conhecimento concebido como resultado de todo um conjunto de ações. Por isso agora é o momento de contextualizar, escrever, dar sentido a todo o trabalho de leitura, de dinâmicas, visitas e pesquisas.

Neste sentido, desenvolvemos nos alunos a capacidade de contextualizar, relacionando as diferentes ações e ou práticas por eles desenvolvidas no decorrer das atividades, procurando entender como o campo vem sendo visto e construído no espaço geográfico.

Em grupo, de posse do material pesquisado, dos livros didáticos, das obras literárias, dos debates, dos painéis e das visitas a campo, os alunos contextualizam. Esta foi a parte mais difícil, pois foi o momento de escrever, não foi possível parar, de grupo em grupo interferindo quando necessário, questionando, mas foi gratificante ver os alunos escrevendo e discutindo sobre como escrever. Assim ficou, conforme os dados mostrados no Quadro 09:

QUADRO 09 – Contextualização sobre ações e práticas do campo pelos alunos

<b>Compreensão sobre o campo</b>	<b>Ligação das apreensões do campo com a literatura</b>
As plantas e o clima/	Muitos focaram na paisagem, na natureza adversa, que trata o livro <i>Vidas Seca</i> ;
O que temos hoje de moderno na agricultura e forma como aparecia nos livros/	A construção dos personagens dos livros e os personagens da vida real/
As questões ambientais/	A dramática realidade social dos retirantes e a forma como é visto o êxodo/
O trabalho escravo da história e as reportagens sobre como isso ainda ocorre/	O tempo em que às histórias foram contadas e as marcas que deixaram/
As atividades não agrícolas como uma nova oportunidade para o homem do campo/	O vocabulário típico de cada obra, sendo necessário o uso do dicionário/
Os aspectos do novo rural brasileiro/	Destacaram sobre as relações de trabalho das Obras e o que temos hoje/
Os aspectos da vida nas comunidades e como esta pode estar presente no dia a dia do homem do campo.	As características dos lugares contadas nas obras, os locais visitados, e o que pode ser lido nos livros didáticos e ou reportagens.

Organização: Colferai, 2009.

Os alunos fizeram as relações conforme mostrado no Quadro 10:

QUADRO 10 - Comparativo das histórias lidas

Situações	Vidas Secas	São Bernardo
Local	<p><i>Nordeste</i>  <i>Nesta obra que exprime o ambiente com fidelidade, mas em função dos personagens. O personagem é a vida romanesca, a paisagem exterior ora que se apresenta torna-se uma projeção de homem.</i>  <i>Esta família exausta e faminta chega a uma fazenda, os juazeiros oferecem sombra. (A1)</i></p>	<p><i>Nordeste</i>  <i>Esta obra mostra sobre vários critérios que pode ser visto o homem do campo, considerando, a compra da propriedade, a falta de perspectiva e a venda da propriedade, o estilo de vida simples no campo, os cuidados, o compadrio e outros. (A10)</i></p>
Personagens -	<p><i>Fabiano: nordestino, pobre e bebe muito; Sinhá Vitória: mulher de Fabiano, sonhadora; filho mais velho sonhava em ter um amigo; filho mais novo tinha o pai como modelo; Baleia: cachorra fiel. (A14)</i></p>	<p><i>Paulo Honório: homem que fazia de tudo para enriquecer; Luis Padilha: ex-dono da fazenda São Bernardo; Madalena: professora da vila e mulher de Paulo Honório, era comunista e intelectual; Gondim: advogado de Paulo Honório. (A13)</i></p>
Idéia principal	<p><i>Mostra a família de retirantes, sem posse de terras, tangida pela seca, tomando chegada em uma dada fazenda. (A15)</i></p>	<p><i>O romance decorre em grande parte da narrativa da vida de Paulo Honório, que compra a fazenda São Bernardo. (A6)</i></p>
Semelhanças com a nossa realidade....	<p><i>“A fuga da família nordestina com o mesmo quadro atualmente [...]” (A16).</i>  <i>“A pobreza, as condições de vida das pessoas, a seca nordestina presente até hoje. Porém, há um grande potencial de recursos tecnológicos.” (A18)</i>  <i>“Hoje em dia como ocorreu no livro, existem muitas famílias bóias frias que mesmo com pouco que ganham gastam em bebida e jogo.” (A8).</i>  <i>“No livro percebemos a vida de quem foge da seca sem esperança de progredir e como as pessoas discriminam quem não tem nada na vida e é considerado um animal por não ter estudos e dinheiro.” (A4).</i></p>	<p><i>“Hoje em dia como ocorreu no livro São Bernardo que as pessoas emprestam dinheiro dos “amigos” e quando vêem que a dívida está muito alta e eles não tem como pagar acabam dando um bem material para quitar a dívida e, geralmente, este bem é a terra.” (A11)</i>  <i>“Já se pensava em ganhar dinheiro, sendo com trabalhos na enxada até então, hoje a tecnologia tomou conta de um grande número de propriedades, principalmente em de grande porte.” (A12)</i></p>

Para nós, Geógrafos interessados em literatura, a observação é, antes de tudo percepção e criação literária da qual não substitui o conhecimento científico, mas enriquece e completa a realidade. Segundo Monteiro (2002, p.87) “[...] o conteúdo geográfico não se vê invalidado segundo a ideologia do observador (escritor ou geógrafo), mas, se superpõe a ela.”

A obra literária São Bernardo de Graciliano Ramos tem um rol de razões para ser entendida no decorrer da abordagem sobre o Homem do Campo. Essa obra emergiu indagações sobre vários critérios que pode ser visto o homem do campo, considerando a compra da propriedade, a falta de perspectiva e a venda da propriedade, o estilo de vida simples no campo, os cuidados, o compadrio e outros.

Os alunos também analisaram o mapa de produção agrícola do Brasil e pensando o Novo Rural brasileiro.

Pesquisas recentes têm constatado as transformações muito importantes que vêm ocorrendo nas áreas rurais do mundo e do Brasil. Alguns velhos mitos estão sendo derrubados, outros parecem estar surgindo; todavia, alguns traços futuros já podem ser percebidos com alguma clareza.”...”Parcela significativa do espaço rural brasileiro foi gradativamente se urbanizando nas últimas décadas, como reflexo do processo de industrialização da agricultura e do transbordamento do mundo urbano para aquelas áreas que tradicionalmente eram definidas como rurais. [...] (OLIC, 2001, p.1).

É possível verificarmos aspectos do novo rural brasileiro. Mas, “esse novo rural” não está avançando por todo o país. A Figura 03 mostra o uso da terra no Brasil. Nela os alunos evidenciam uso da terra no Brasil.

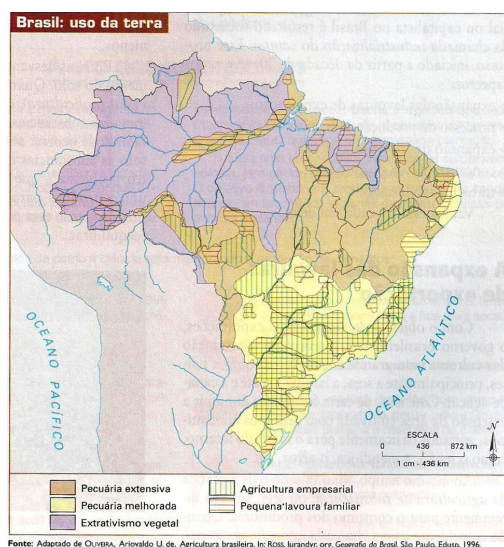


FIGURA 03 – Uso da terra no Brasil  
Fonte: Adaptado de Oliveira, Ariovaldo U.

Alguns alunos comentaram sobre como permanece forte a visão que temos do Nordeste das secas, (A2); também que a história dos retirantes é muito triste, (A1), e que o Centro-sul é mais mecanizado (A14).

Como complementação, apresenta-se a Figura 04, que mostra um desenho da aluna Ana Paula, numa visão das duas obras analisadas e a visão do hoje.



FIGURA 04 – Desenho expressivo da percepção do aluno sobre as obras lidas e o hoje  
Fonte: A1

Analisando-se o desenho da Figura 04, constata-se a presença de três diferentes momentos da história do rural e sua evolução, com base na literatura estudada e permeada com inserções bem contemporâneas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos uma boa oportunidade para mostrar aos alunos do EM, que a Geografia vai muito além de ser uma disciplina escolar, que antes de mais nada, ela é uma prática social, da qual é muito bem representada nas obras literárias, possibilitando com isso, a aprendizagem.

Monteiro escreve que de forma alguma a criação literária vai substituir a Geografia, mas que ela vem a ser complementação enriquecedora e completa a realidade procurada pelo geógrafo. E ainda, que se deva “promover a relação Geografia-Literatura como veículo de educação no ensino médio” (MONTEIRO, 2002, p.234).

E, por mais que tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá sempre um artista criador que possa com outros recursos, criar uma “realidade infinita”.

Muitos são os recursos metodológicos que resultam em aquisição de conhecimentos para os alunos. Como o objetivo deste trabalho foi a compreender como a literatura pode ser uma linguagem para ensinar a geografia do e no campo, percebe-se que através da leitura de obras como Vidas Secas e São Bernardo de Graciliano Ramos, inicia-se uma sensibilização dos educandos em relação à educação e o trabalho no campo, e a valorização dos mesmos, pois se percebe claramente na sala de aula a discriminação que ocorre em relação aos alunos do campo, em consequência disso, o abandono da escola, pois esses alunos não conseguem entrosamento.

Contudo, percebeu-se no decorrer deste trabalho que muitos alunos acabaram através das leituras feitas, que, sem nenhuma dúvida, a Literatura vem ao encontro para enriquecer e completar a realidade. Apesar da dificuldade e desinteresse por parte de muitos alunos para realizar a leitura das obras, percebeu-se um estímulo dos colegas através da leitura dos materiais expostos pelos corredores, em painéis o que fez com que a grande maioria se interessasse pela leitura.

Existe a leitura mediática, muito rápida, e existe a leitura que exige tempo, e a literária não é “*fest food*”. Ela requer tempo e dedicação. A nossa cultura não está preparada hoje, para atender a este tipo de situação, pois se viu um interesse muito maior pela visita a campo, por ser palpável, visível, uma relação imediata das relações presentes.

No estudo geográfico da relação com a literatura, é possível fazer o comparativo das limitações e potencialidades que as obras podem exercer diante dos estudos geográficos. Esse comparativo é apresentado no Quadro 11.

QUADRO 11 – Limites e Potencialidades do uso Literário na Geografia

<b>Limites</b>	<b>Potencialidades</b>
<p>A obra possui um contexto para que o professor se utilize dela como recurso; deve sempre estar atento à necessidade de inserir novas discussões e outras atividades que preencham a lacuna;</p> <p>Os alunos não estão habituados à leitura, portanto, caso não haja um incentivo e um contrato pedagógico entre professor e aluno, eles não se disporão a ler. Por isso, a necessidade de mediar a leitura do texto com outras linguagens do tempo</p>	<p>O uso da literatura auxilia no desenvolvimento da capacidade de interpretação;</p> <p>da imaginação;</p> <p>da criação de textos;</p> <p>desperta para a intertextualidade.</p>

dos alunos, internet, revistas, fotografias.	
--	--

Organização: Colferai, 2009.

Com o resultado deste trabalho constata-se a necessidade de sempre buscar alternativas metodológicas que instiguem o aluno à busca do conhecimento, diante deste quadro, o trabalho terá continuidade para o ano seguinte, com a construção de uma peça de teatro.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANTONELLO, Ideni T.; MOURA, Jeani Delgado de; TSUDAMOTO, Ruth Y. **Múltiplas Geografias: Ensino – Pesquisa – reflexão**. Londrina: Edições Humanidade, 2005. v. II.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CALDART, Roseli Salette. Elementos para construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: **Cadernos Temáticos: educação no campo**. Curitiba: SEED – PR, 2005, p.23-34.

CYPRIANO, Roberto José. **Destino escolar de migrantes rurais: um estudo sobre mudanças de ambiente, do meio rural para o meio urbano, como possível fator de distúrbio de aprendizagem**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1982.

GABARRÓN, Luis Rodríguez; LANDA, Libertad Hernández (2006). O que é pesquisa participante. In: BRANDÃO, C. Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, p. 93-121.

GNOATTO, Almir A. A Casa Familiar Rural e a Pedagogia da Alternância. In: TEIXEIRA, E. S. (Org.). **Educação: algumas reflexões sobre política, teoria e prática**. Pato Branco: Liceu Teixeira, 2005.

GUIMARÃES, Iara. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. **Terra Livre**, v. 28, p. 45-66, 2007.

HESPANHOL, Antonio N. Dinâmica do espaço rural e novas perspectivas de análise das relações campo-cidade no Brasil. **Terra Livre**, v.II, n. 27, p.2-39, 2006.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, Carlos A. de F.. **O Mapa e a Trama – Ensaios sobre o Conteúdo Geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

OLIC, Nelson Baci. Aspectos do novo rural brasileiro. **Revista Pangea: quinzenário de política, economia e cultura**, 15 dez. 2001.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. Principais problemas e desafios da Educação do Campo no Brasil e no Paraná In: **Cadernos Temáticos: educação no campo**. Curitiba: SEED – PR, 2005, p.36-46.

SEED. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação do Campo.** Curitiba, 2006.

SEED. **Diretrizes Curriculares de Geografia Para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Para o Ensino Médio.** Curitiba, 2008.

TERRA, José de Nicolas Ernani. **Português – de olho no Mundo do Trabalho.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

TERRA. **Letras.** Disponível em: <Fonte: <http://letras.terra.com.br/dom-ravel>>. Acesso em set. 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade – na história e na literatura.** São Paulo: Schwarcz, 1990.

VEIGA, José Eli da. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica.** 2. e. São Paulo: EDUSP, 2007.

VYGOTSKY, L. **Pensamentos e Linguagens.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## ANEXO

Data: .....

Nome: .....

Endereço: .....Bairro: .....

Cidade: .....CEP: ..... Fone: .....

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Data de Nascimento: ..... Idade: .....

Cor: ( ) Branco ( ) Pardo ( ) Negro ( ) Amarelo ( ) Outro

Nível de Instrução: .....

1. Renda Familiar Mensal:

( ) 1 a 2 salários mínimo ( ) 3 a 4 salários mínimo

( ) 5 a 6 salários mínimo ( ) mais de 6 salários mínimo

2. Acesso a pesquisa:

( ) Internet ( ) biblioteca ( ) outros.....

3. Nome do Pai .....

3.1 Nível de instrução.....

(Opções: Analfabeto, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Superior Completo)

3.2. Profissão.....

4. Nome da Mãe.....

4.1. Nível de instrução.....

(Opções: Analfabeto, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Superior Completo)

4.2. Profissão.....

5. Quantas pessoas dependem da renda total mensal do Grupo Familiar?.....

6. Residência: ( ) própria ( ) alugada ( ) Outra (especificar): .....

7. Meio utilizado para se manter informado/a sobre os acontecimentos atuais:

( ) Jornal escrito ( ) Televisão ( ) Rádio ( ) Revistas ( ) Internet (site)

( ) E-mail ( ) Outros.....

8. Qual o contato com microcomputador?

( ) Nunca teve ( ) Teve contato, mas somente na escola ( ) Teve contato, somente em casa

( ) Teve contato, em casa e escola ( ) Teve contato, em outros locais



9. Qual a leitura de preferência?     Didática     Ficção científica     Romances  
 Policiais     Esportivas     Quadrinhos     Técnicas     Jornais e Revistas  
 Outras.....

10) Qual atividade ocupa a maior parte de seu tempo?

.....